

COLÉGIO PEDRO II

Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura
Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais - EAD

Andréia Vieira de Souza Abrantes

COR:
Elemento deflagrador de percepção

Rio de Janeiro
2019



Andréia Vieira de Souza Abrantes

COR:
Elemento deflagrador de percepção

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais, vinculado à Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura do Colégio Pedro II, como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Artes Visuais.

Orientadora. Prof^ª. Dra. Alessandra Oliveira da Silva Caetano

Rio de Janeiro
2019

COLÉGIO PEDRO II
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO, PESQUISA, EXTENSÃO E CULTURA
BIBLIOTECA PROFESSORA SILVIA BECHER
CATALOGAÇÃO NA FONTE

A161 Abrantes, Andréia Vieira de Souza
Cor: elemento deflagrador de percepção / Andréia Vieira de Souza
Abrantes. - Rio de Janeiro, 2019.
53 f.

Monografia (Especialização em Ensino de Artes Visuais) – Colégio
Pedro II. Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura.
Orientador: Alessandra Oliveira da Silva Caetano.

1. Artes visuais – Estudo e ensino. 2. Arte educação. 3. Leitura de
imagem. 4. Educação visual. I. Caetano, Alessandra Oliveira da Silva. II.
Título.

CDD 700

Ficha catalográfica elaborada pela Bibliotecária Simone Alves – CRB7 5692.

Andréia Vieira de Souza Abrantes

COR:
Elemento deflagrador de percepção

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais vinculado à Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura do Colégio Pedro II, como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Artes Visuais.

Aprovado em: ____/____/____.

Prof.^a Dra. Alessandra Oliveira da Silva Caetano (Orientadora)
Colégio Pedro II

Prof.^a M^a Vivian Greco Cavalcanti de Araujo
Colégio Pedro II

Prof.^a M^a Nilza Cristina de Souza Culmant Ramos
Colégio Pedro II

AGRADECIMENTOS

A Deus, o que seria de mim sem a fé que eu tenho nele, me dando forças e saúde para superar as dificuldades, essencial em minha vida, meu alicerce. A luz divina, que me deu coragem para questionar realidades que foram percebidas, e diante do despertar, eu pude propor uma nova realidade de possibilidades.

Aos meus pais, pelo amor e incentivo, sempre carinhosos, que torcem pelo progresso.

Aos meus filhos Matheus e Lucas que, com muito carinho e apoio, souberam compreender minha ausência, sendo eles responsáveis em me incentivar durante o processo.

À Instituição, ao corpo docente, administração e todo o suporte técnico do sistema de Ensino a distância, que oportunizaram a Pós-Graduação de Especialista em Arte Visuais.

À minha orientadora professora Alessandra Oliveira da Silva Caetano pelo suporte, que tornou possível a realização desse trabalho.

À amiga Jessica Torres, quem acreditou em mim, muito mais do que eu mesma.

À amiga Maria Estela com a revisão na língua estrangeira.

Ao amigo Isaque Santos atuante no cenário de organização das ideias.

Ao meu irmão, que me auxiliou com seus conhecimentos em informática.

À amiga Thalita Reis pela ajuda no vídeo como trabalho final de conclusão do curso.

E a todos que direta ou indiretamente fizeram parte do processo, sem dúvidas minha palavra é gratidão.

RESUMO

ABRANTES, Andréia Vieira de Souza. **Cor:** Elemento deflagrador de percepção. 2019. 53 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Artes Visuais) – Colégio Pedro II, Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura, Rio de Janeiro, 2019.

Este trabalho propõe uma reflexão sobre a importância da utilização da arte como uma forma de linguagem em sala de aula, tendo como base um dos elementos próprios da linguagem visual, a COR. E com o objetivo de auxiliar no desenvolvimento do aluno e na compreensão da visão de mundo do indivíduo. Considera a necessidade da alfabetização visual no espaço pedagógico, por seu poder expressivo e de grande atuação em nossa percepção, de forma a contribuir na interpretação da leitura imagética. Pretende apresentar a cor como constituinte da linguagem, procurando responder à questão: como as cores utilizadas nos trabalhos dos alunos podem atuar como signo, como elemento deflagrador de percepção? Essa compreensão objetiva demonstrar a possibilidade de desenvolver uma prática artística direcionada no campo escolar para a educação visual. Dedicase, também, a uma breve análise da obra de John Constable, exemplificando este estudo e usando a obra do autor como ponto inicial da proposta de educação visual. “As cores na paisagem”, assim intitulada o produto pedagógico, formado de uma sequência didática que inclui quebra-cabeças, participa acerca das investigações do presente trabalho, visando contribuir nas práticas artísticas no espaço escolar. O trabalho propõe um diálogo com a obra de John Constable, a fim de pensar caminhos mais integradores para a arte e o cenário educacional, demonstrando a percepção do autor acerca da paisagem e das cores. O produto pedagógico funciona como agente facilitador para a inserção da educação visual em sala de aula, de forma a avaliar o conteúdo aplicado, transmitindo conhecimento das cores para os alunos e, a partir dos resultados finais, avaliar a percepção de cores de cada aluno.

Palavras-chaves: Arte-Educação. Leitura de imagem. Cor. Educação visual.

ABSTRACT

ABRANTES, Andréia Vieira de Souza. **Cor:** Elemento deflagrador de percepção. 2019. 53 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Artes Visuais) – Colégio Pedro II, Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura, Rio de Janeiro, 2019.

This work propose a reflexion about how the art are importante as a language form in classroom, using the color element as a base, own of the visual language, with the objective to help the development of the student and the knowledge of the individual seen of the world. It gives a reflexion about the visual literacy in pedagogic space, because of it expressive power and the action in our perception, to contribute in reading of images. It intend to show the color as a part of language, pretending to show the answer of the question: how the color used in the work of the students can act as a signal, as a perception element? Understanding this is to show a possibility to develop na artistic practicing, in the school directed to visual education. This work is about the life and work of John Constable too, using his drawns to example to study and as a inicial point of the proposal of visual education. “The colors in landscape”, as named the pedagogical produuct, formed of a didactical sequence with a puzzle, participate about the investigation of this woork, to contribute in artistical practicing in the school. The work propose a dialog with John Constable work, to think about roads to integrate the art and the education, showing the painter perception about the landscapes and the colors. The pedagogical product is to work in the school room as a facilitator agente to insert the visual education in classroom, to test the applied content, giving colors knowndleging to the students and, with the final result, test the color perception of all student.

Keywords: Art-Education. Image Reading. Color. Visual Education.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 A Carroça de Feno	23
Figura 2 Estudo das nuvens	24
Figura 3 O Campo de Trigo	24
Figura 4 A Baía de Weymouth	25
Figura 5 A Construção do Barco Perto do Moinho de Flatford	25

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	10
2 OBJETIVOS.....	13
2.1 Objetivo Geral	13
2.2 Objetivos Específicos.....	13
3 JUSTIFICATIVA	14
4 POSSÍVEIS CAUSAS DA LIMITAÇÃO CRIATIVA E A ALFABETIZAÇÃO VISUAL	17
4.1 A questão do estereótipo e da repetição	17
4.2 A Percepção da Cor.....	18
4.3 Alfabetismo Visual.....	19
5 A OBRA DE JOHN CONSTABLE COMO REFERÊNCIA PARA A QUESTÃO “CORES” NA EDUCAÇÃO VISUAL.....	21
5.1 Breve contextualização histórica.....	21
5.2 A obra de John Constable.....	22
5.3 O autor como referência na educação visual	26
6 O ENSINO DE ARTES VISUAIS	27
6.1 A Abordagem Triangular	27
6.2 A Abordagem triangular dentro da proposta da educação visual.....	28
6.3 A Educação visual no espaço escolar	30
7 LEITURA DA IMAGEM.....	31
8 CONSIDERAÇÕES FINAIS	32
REFERÊNCIAS.....	34
APÊNDICE A – AS CORES NA PAISAGEM.....	36

1 INTRODUÇÃO

O trabalho é fruto de observações e apreciações dos desenhos e pinturas de paisagens que os alunos do Ensino Fundamental, costumam realizar, sejam elas, diante da proposta do professor ou em desenhos livres, frequentemente realizam atividades com estereótipos, repetindo gravuras e deixando de criar. Esta prática se constata no dia a dia em sala de aula, e pode ser observada sempre sendo repetida pelos alunos. Um exemplo deste estereótipo é no que se trata do céu. No geral, as crianças não pintam o céu, apenas as nuvens, sem a ousadia de misturar as cores, de representar diferentes momentos do dia ou condições climáticas, não se aventuram em criar novas mensagens, e, assim, não potencializam sua criatividade.

O trabalho pretende investigar a atuação da cor na percepção do indivíduo, na observação do seu entorno. A paisagem faz parte do cotidiano da criança, porém suas representações e cores se confundem a imagens estereotipadas. E, na grande maioria das vezes, por falta de uma educação visual, suas representações são recorrentes, deixando de aflorar o potencial criativo de cada um.

Analisando e dialogando com a obra do artista John Constable, buscarei uma referência visual no que tange à questão “cores no céu”. O artista é referência por sua preocupação em retratar o céu em suas pinturas. Partindo de suas obras, a proposta é, justamente, analisar e demonstrar aos alunos, as possibilidades que o artista propõe sob o elemento céu e as gamas de cores utilizadas em suas obras.

A observação dos desenhos e das pinturas das crianças do Ensino Fundamental, na faixa etária entre onze e quinze anos demonstra uma grande reincidência de estereótipos visuais e cópias. Esta observação leva a perceber a necessidade de um olhar mais apurado, mais atento e observador em sala de aula. Dentro disso, a proposta é estabelecer um cuidado ainda maior com a alfabetização visual, tendo o vocábulo “cor” a sua premissa de tensão a fim de, através desta educação visual eficiente, propiciar um ambiente criativo e propício a uma criação artística eficiente, onde o aluno possa produzir e utilizar as cores em seus trabalhos sem que se prenda a cópias pré-estabelecidas. Objetiva assim, identificar as propriedades inerentes ao elemento visual, compreendendo seus efeitos psicológicos, percebendo suas potencialidades de interpretação do mundo, traduzindo significados e, assim, verificando sua importância no processo da percepção e leitura imagética, passível do seu aprendizado.

Cor: Vocabulário próprio da gramática visual, repleto de potencialidades. Um elemento deflagrador da percepção humana. Influencia tudo, modelando acidentalmente ou

intencionalmente nossa percepção. Promove uma ação. Kandinsky (2000, p 66) afirma que quanto mais cultivado é o espírito sobre o qual a cor se exerce, mais profunda é a emoção que essa ação provoca na alma. Com isso, ele quer dizer que a cor provoca uma vibração psíquica e seu efeito físico serve para atingir a alma.

A partir dessas observações, teóricas e de cópias estereotipadas, fundamenta-se o trabalho numa proposta de uma educação visual eficiente, tendo como base, nesta proposta, o elemento “cor” aplicado ao que se trata da criatividade de cada um.

O presente trabalho é dividido em duas partes, sendo a primeira uma monografia e a segunda, um produto educacional. Ambos se complementam, sendo o produto educacional uma prática das propostas descritas na monografia.

No capítulo 4, o estudo propõe um diálogo com teóricos, que procuram explicar a questão do estereótipo usado pelas crianças, estendendo-se, também a uma breve análise sobre cores e a alfabetização visual. Os principais teóricos que firmam esta proposta são Guimarães (2000); Pastoureau (2001); Pedrosa (2006); Arnheim (2000); Donis a Donis (2007); Ferraz e Fusari (1991); Ostrower (1998); e Pereira (2011). Ricken (2013). O objetivo é analisar e compreender o elemento cor em um contexto sócio educacional.

O capítulo 5 contextualiza John Constable, vida e obra, assim como o período romântico e faz uma ligação da sua técnica e uma breve análise de alguns quadros, de maneira a demonstrar como este artista se torna referência visual para o desenvolvimento deste trabalho e se torna parte da execução do projeto de educação visual, partindo do elemento “cor” e a utilização em sua obra.

No capítulo 6, a educação visual é discutida e dialoga com vários autores, demonstrando sua importância e eficácia em sala de aula, de forma a analisar a prática pedagógica em si e ações que podem ser realizadas em sala de aula, partindo do tema utilizado em todo o trabalho, a educação visual iniciando com o elemento “cor”, e permitindo ao aluno uma reflexão e uma libertação de estereótipos.

Por fim, no capítulo 7 temos uma complementação sobre leitura de imagens, pensando na importância dessa leitura e da influência que uma boa leitura pode trazer para a sala de aula.

A segunda parte trata de um produto pedagógico, intitulado “As cores na paisagem”, que dialoga com a obra de John Constable para apresentar em sala de aula a proposta descrita em todo o trabalho. Trata-se de uma sequência didática de atividades, que incluem a apresentação da vida do autor em questão, representante do movimento Romantismo, um quebra-cabeça apresentando as obras do artista, juntamente com uma ficha informativa e

propostas em torno do conhecimento sobre as cores e sobre o gênero de pintura paisagem. A culminância se dará com obras produzidas pelos alunos, com a proposta de realizarem um trabalho mais eficiente com as cores.

O produto pretende atender crianças de 11 aos 13 anos direcionados a ser aplicado ao sexto ano do Ensino Fundamental. Pretende capacitar a criança a compreender as particularidades da cor, entender os fatores e os questionamentos desse vocábulo como elemento repleto de potencialidades, conhecer a linguagem pintura que oportuniza a criação de mensagens e pretende contribuir para um olhar de compreensão do mundo em que vivemos.

2 OBJETIVOS

2.1 Objetivo Geral

Promover a educação visual em sala de aula através do elemento cor, explorando suas particularidades e potencialidades, que pode contribuir na percepção do aluno e do mundo que o cerca.

2.2 Objetivos Específicos

- Investigar os processos da cor como elemento condutor para a percepção do indivíduo em sala de aula.
- Compreender que um elemento visual, próprio da gramática visual possui propriedades físicas e psicológicas.
- Reconhecer que a cor é um elemento repleto de expressividade, traduzindo a visão de mundo de cada aluno.
- Perceber a importância de uma educação visual eficiente em sala de aula.
- Reconhecer na linguagem da pintura a possibilidade de mensagens visuais e possibilidades compositivas.
- Conhecer o gênero de pintura paisagem.
- Conhecer o artista representante do romantismo John Constable, sua obra e sua importância.
- Permitir aos alunos, a partir do sexto ano, com idade entre 11 e 13 anos, desenvolver o conhecimento sobre o uso das cores, para que transmitam em cada desenho a visão própria de cada um, sem se prender a estereótipos e cópias feitas, e influenciando positivamente suas capacidades afetivas, cognitivas, éticas, estética, de inter-relação pessoal e de inserção social.

3 JUSTIFICATIVA

Ao observar trabalhos de pinturas dos alunos do Ensino Fundamental, compreendidos entre o sexto e nono ano ao longo da minha prática docente como professora de Artes Visuais, ficou notável a pouca variação nas representações das paisagens, o espaço da pintura não era completado, no referente ao céu, não faziam uso das possibilidades de misturas das cores, nuances e degrados. As representações das paisagens costumam ser estereotipadas e cópias de desenhos que as crianças conhecem, sofrendo poucas modificações.

Na busca de autores que também ressaltassem esta constatação realizada em sala de aula, deparei-me com Ricken (2011). Sobre a repetição de modelos estereotipados nas produções visuais de crianças, ressalta que

Os modelos existentes nos livros didáticos, painéis decorativos, ilustrações de histórias, ilustrações para colorir, representações estereotipadas sobre datas comemorativas, são o repertório de imagens que a criança tem contato. E ao se deparar com o fazer artístico ela simplesmente quer reproduzir os desenhos que foram dados ao longo de sua trajetória escolar por acreditarem que não consegue criar coisa melhor. (RICKEN, 2011, p.4).

Esta prática é ainda vista em escolas, tomando como base aquelas nas quais leciono. No dia a dia, confronto-me com alunos que ainda insistem em repetir as ideias, como citado em Ricken,(2011) pois, é este o repertório que possuem disponível.

Neste trabalho, procuro apresentar a educação visual dentro do ensino de Artes como resposta, para que se contraponha ao que Ricken (2011) identificou em seus estudos e eu observo na prática docente diária. E, dentro da educação visual, em todos os seus elementos, a proposta deste trabalho é apresentá-la a partir do elemento cor.

A escolha da cor para o desenvolvimento deste estudo se deu pelo fato de que as crianças que não possuem uma educação visual tendem a eliminar as possibilidades de cores em seus desenhos, aplicando poucas ou nenhuma cor em cada pintura. Ao observar os desenhos aplicados em aulas de artes, vejo que há uma grande limitação do uso de cores daqueles que ainda não passaram por um processo de educação visual.

Esta limitação, como afirma Ricken,(2011) são por conta de estereótipos que as crianças possuem, pois, fazem contato com modelos existentes e acabam utilizando uma gama limitada de cores, pois, memorizam os elementos (como céu, árvore, etc.) e as suas cores, assim como memorizam formas.

O desenvolvimento da percepção das cores, componente essencial da educação visual, pode ser o primeiro passo para que o aluno rumo em direção a uma libertação sensorial, deixando de lado os estereótipos.

A elaboração de um produto pedagógico aconteceu para que o aprendizado visual voltado ao elemento cor possa acontecer em sala de aula de forma eficiente, lúdica e dinâmica, contribuindo, assim, para a aplicabilidade na linguagem, traduzindo a percepção do aluno em um processo mais atento de observação das cores aplicadas em seus trabalhos.

O presente trabalho se justifica pela possibilidade de aprofundar o conhecimento artístico com enfoque para a cor, elemento essencial para a expressão em cada obra realizada, gerando possibilidades de leituras através de cada signo criado como parte de um processo mais amplo de desenvolvimento de competências perceptivas e criativas denominado de alfabetização visual.

A alfabetização visual dentro de um contexto escolar possibilita muito mais do que simplesmente a elaboração de trabalhos artísticos, permite ao aluno expressar sentimentos e concretizar sua visão de mundo através de cada traço e cor utilizada em seus trabalhos.

Através deste estudo de cores, é possível evitar a criação de imagens estereotipadas, que nada representam do universo interno da criança, mas são apenas imagens gravadas em sua mente através de produtos que cercam o cotidiano, pela repetição de desenhos animados, ou até desenhos dos próprios colegas, como cita Ricken (2013) como justificativa de que não sabem desenhar. A utilização das cores permite que o aluno expresse muito além das cópias, mas, crie e recrie, transmitindo para as telas imagens interiorizadas em seu cérebro.

O elemento “cor” foi escolhido como objeto de estudo para incitar todas as suas particularidades e potencialidades, oferecendo, assim, caminhos para a percepção visual por parte dos alunos e, em contrapartida, permitir ao educador perceber as imagens desenhadas por cada criança e interpretar o mundo interior de cada um, progredindo, assim, numa eficiente prática pedagógica que possa funcionar de forma eficiente.

Para exemplificar este estudo, concretizando para os alunos, a utilização da vida e da obra de John Constable será base para que as crianças consigam compreender de maneira eficaz o funcionamento do estudo de cores, compreendendo a importância do autor no que tange este assunto, principalmente ao analisar a forma como o autor utiliza combinações de cores ao exibir gamas de possibilidades cada vez que pinta o céu.

O estudo pretende elaborar um produto pedagógico intitulado “As cores na paisagem”, e visa contribuir nas práticas educativas do ensino das artes visuais, onde a cor e a linguagem possam fornecer fundamentações que colaborem com a percepção humana. O produto

pretende ser aplicado para crianças que estejam no sexto do Ensino Fundamental, adequado para a faixa etária dos 11 aos 13 anos.

Este estudo é importante, porque a cor é um elemento repleto de particularidades e potencialidades. Seu ensino poderá trazer contribuições significativas de um olhar mais atento e observador do mundo visível de cada criança.

4 POSSÍVEIS CAUSAS DA LIMITAÇÃO CRIATIVA E A ALFABETIZAÇÃO VISUAL

Uma questão motivadora do presente trabalho é entender o que torna os desenhos das crianças em âmbitos escolares uma manifestação tão limitada e que, ao invés de ser um produto que expresse aquilo que a criança tem de melhor, transmutado em sua visão de mundo, obtém-se resultados contrários, com cópias estereotipadas sem a preocupação da utilização do elemento visual cor nos seus trabalhos.

Observo esta prática diariamente, em minha prática docente e, ao constatar o problema, busquei referências em autores para que identificasse as possíveis causas. E, assim, a proposta de uma educação visual eficaz, agiria como uma possível solução para o problema, partindo do princípio que o estudo das cores, por sua natureza de estímulo sensorial, deve ser o primeiro passo.

As cores são definidas por Goethe como ação da luz sobre a visão, partes da expressão humana percebida e interpretada por cada um, resultado de reação da vista, fenômenos físicos e químicos.

Uma das visões sobre o elemento “cor”, apresentado por Pedrosa (1995), reforça que a cor é uma sensação, um fenômeno.

Sendo a cor constantemente ligada ao que tange as emoções humanas, ao que toca no íntimo de cada um, refletir sobre os motivos que levam as crianças a preferirem não utilizar este elemento ou então a repetirem somente desenhos já prontos, é propor uma mudança na educação visual, é repensar o papel das artes em sala de aula e na vida do aluno.

4.1 A questão do estereótipo e da repetição

Segundo Derdik, (1995), o desenho é considerado um signo, representado por traço, forma e cor, e resultado de uma ação carregada de uma intencionalidade. Como signo, este desenho deve significar e transmitir algo.

É comum encontrarmos em escolas o problema do estereótipo e repetição. As crianças, de acordo com Ricken (2013), tendem a repetir desenhos que os acompanharam durante sua trajetória, limitando o fazer artístico.

Com a repetição, a problemática é que deixam de criar e de expressar o que está em sua alma, transformando o trabalho artístico em meras cópias de modelos prontos, que, ainda segundo ela, são normalmente encontrados até mesmo nos livros didáticos.

Esta questão foi levantada pela autora ao observar alunos, que baseavam seus desenhos em modelos prontos em painéis decorativos e livros, o que limita a criatividade de cada criança. Ricken (2013) diz que “ao se deparar com o fazer artístico ela simplesmente quer reproduzir os desenhos que foram dados ao longo de sua trajetória escolar por acreditarem que não consegue criar coisa melhor”.

Numa reflexão sobre esta questão da repetição, Fusari; Ferraz (2011) analisam a importância da educação artística em sala de aula, propondo que é na sala de aula que as crianças desenvolvem suas capacidades criativas, a imaginação, a fantasia. Ainda, segundo os autores, para que esta capacidade aflore, é preciso orientação e um ambiente propício.

A repetição de estereótipos limita a capacidade artística da criança, não permitindo que aconteça o desenvolvimento da criatividade, tornando-os meros imitadores de modelos prontos.

É importante que a criança tenha a capacidade de ler visualmente o mundo, permitindo a afloração de toda sua capacidade artística. Read (2001) afirma a importância deste projeto ao destacar que o desenho é um modo de expressão da criança e pode ser considerado um processo mental. Afirma, ainda, que também é através do desenho que a criança imagina e inventa, despertando a curiosidade e o conhecimento.

Dentro desta linha de pensamento, a “cor”, elemento escolhido para fundamentação deste trabalho, pode ser considerado o primeiro “vocabulo visual” da criança, expressando sua percepção e sua capacidade de transmitir para o papel o que está em seu interior. Ela se dá através da percepção e da prática da educação visual.

4.2 A Percepção da Cor

Segundo Arnheim (2000, p.266), a “percepção é a descoberta da estrutura, onde está nos diz os componentes das coisas”. Ele diz que a percepção é simbólica e que aspectos significativos percebidos em nosso ambiente são concretizados em propriedades expressivos, como no caso a cor.

Estudar a “cor” como elemento dentro desta pesquisa, é compreender, dentro das palavras de Gomes (2004, p.65), que “a cor não só tem um significado universalmente compartilhado através da experiência, como também tem um valor independente informativo, através dos significados que se lhe adicionam simbolicamente”.

A aplicação intencional da cor em determinado objeto ou desenho, possibilitará a este, que contém a informação cromática, receber a denominação de signo. Ao trabalhar desta

forma, permitimos que o sentido da visão perceba e decifre a informação, interpretada pela nossa cognição e transformada numa informação atualizada, caracterizando o signo. “A cor não é nem uma substância, nem uma fração da luz. É uma sensação, a sensação de um elemento colorido por uma luz que o ilumina, recebida pelo olho e comunicada ao cérebro”, como aponta (PASTOUREAU 1966, p.6).

Para isso, é necessário observar, olhar, pesquisar, detalhar, estar atento de diferentes maneiras às particularidades visuais, relacionando-as entre si e criando sentido.

O sentido visual, segundo Ostrower (1998), pode ser aperfeiçoado no processo básico da observação, ou ampliado até converte-se num incomparável instrumento de comunicação humana. Ainda, segundo a autora, o ato de ver ao ser aprimorado permite-nos observar melhor o mundo, o ambiente, a natureza.

Os olhares dos artistas precisam ser reveladores sobre tudo, porque são construtivos. Perceber a variação e as possibilidades de cores é dar sentido ao signo, é criar significado. É perceber as nuances que aguçam nossa percepção, segundo os estudos de Ostrower (1998).

A cor, assim, passa a ser percebida muito mais que um estímulo, mas, como apropriação de uma informação visual, sendo o primeiro vocábulo visual da criança, onde ela encontra o primeiro sentido de expressar o que há em seu interior.

4.3 Alfabetismo Visual

Ao se discutir, de maneira linguística, o processo de alfabetismo visual, Donis A. Dondis, (2007, p.29) explica que a sintaxe significa “disposição ordenada das palavras segundo uma forma e uma ordenação adequadas. As regras são definidas: tudo o que se tem que fazer é aprendê-las e usá-las inteligentemente”. Quando se trata do contexto discutido neste trabalho, a sintaxe acontece com a disposição ordenada de partes, considerando os elementos visuais e o entendimento do significado na forma visual, que decorrem da investigação do processo da percepção humana.

O alfabetismo visual é um processo existente e complexo. Jamais poderá ser um sistema tão lógico e preciso quanto à linguagem. Ainda em Dondis, as linguagens “são sistemas inventados pelo homem para codificar, armazenar e decodificar informações”.

Partindo desse parecer, Pereira explica que a “pintura é uma linguagem que tem como fundamento a utilização de massa de cor para construir a imagem”.

Dondis (2007) prossegue explicando que os objetivos do alfabetismo visual são os mesmos que motivaram o desenvolvimento da linguagem escrita, de construir um sistema

básico para a aprendizagem, a identificação, a criação e a compreensão de mensagens visuais que sejam acessíveis a todas as pessoas.

Desenvolver, segundo essa perspectiva, a alfabetização visual dos alunos é permitir, através de uma educação artística direcionada, que eles tenham consciência dos elementos artísticos e utilizem cada um deles de maneira sistemática, formando, assim, signos que expressem significados dentro de sua realidade.

Dentro da alfabetização visual, Pereira explica que a linguagem artística é o veículo que possibilita dar forma a uma ideia, que as linguagens são constituídas de vocabulário próprio. Sendo as cores vocábulo para a linguagem pintura.

A “cor”, elemento escolhido por este trabalho como elemento inicial para análise e aplicação em sala de aula, pode ser o fator que gere nos alunos a possibilidade de iniciação da alfabetização visual eficiente, considerando que, ao ser observada, chama a atenção dos alunos e, bem utilizada, podem levar os alunos a expressarem seus sentimentos com a utilização de gamas maiores de cores em seus trabalhos.

5 A OBRA DE JOHN CONSTABLE COMO REFERÊNCIA PARA A QUESTÃO “CORES” NA EDUCAÇÃO VISUAL

Para levar o aluno ao conhecimento no que tange o elemento “cor” dentro da educação visual, foi escolhido para análise e referência neste trabalho o pintor John Constable e sua obra. O objetivo é que, através da análise de suas principais obras, os alunos consigam compreender as possibilidades existentes em torno das cores direcionadas para a expressão artística em cada um dos seus desenhos.

Dondis (2007, p.228) explica que:

A linguagem é um meio de expressão e comunicação, sendo, portanto, um sistema paralelo ao da comunicação visual. Não podemos copiar servilmente os métodos usados para ensinar a ler e a escrever, mas podemos tomar conhecimentos deles e aproveitá-los. Ao aprender a ler e a escrever, começamos sempre pelo nível elementar e básico, decorando o alfabeto. Esse método tem uma abordagem correspondente no ensino do alfabetismo visual.

A utilização de um pintor e sua obra como referência age como ferramenta pedagógica para que a educação visual aconteça de maneira concreta, analisando e compreendendo o conceito “cor” dentro das possibilidades apresentadas pelo artista, permitindo, que, assim, as crianças estimulem sua criatividade e transfiram para cada desenho muito mais do que apenas cópias estereotipadas.

A escolha de John Constable para referenciar este trabalho se deu considerando a importância que o artista tem no meio artístico, as características marcantes do Romantismo em sua obra e, principalmente, o destaque que o autor tem com o elemento “cor” ao criar, em suas paisagens, céus que misturam gamas de cores, transformando cada obra em algo único.

5.1 Breve contextualização histórica

O conceito de paisagem, destaque na obra de John Constable, é antigo na História da Artes. Desde a antiguidade o ser humano tem uma estreita relação com a Natureza, e que o pensar em paisagem é pensar nesta relação. Apesar do sentimento de natureza estar presente na humanidade desde seus primórdios, foi com a formação da sociedade industrial e burguesa e com a consequente transformação do ambiente que o olhar dos românticos se voltou para o entorno, no desejo do encontro com aquilo considerado natural, divino e espiritual. Esta busca

pela natureza se traduziu nas paisagens românticas, perpassadas pelas noções do sublime, belo e pitoresco.

Segundo (NUNES 2011.p.51) distingue-se “duas categorias implícitas no conceito de Romantismo: a psicológica que diz respeito a modo de sensibilidade e, a histórica, referente ao movimento literário e artístico datado!

No movimento romântico, a natureza é manifestação de Deus. Os românticos eram idealistas e religiosos, a natureza era divina e revelava a força moral da humanidade. Suscitando uma dimensão religiosa, as paisagens permitiam uma experiência de transcendência que já não tinha lugar nas cidades, nem nos campos cultivados. Por isso, os românticos acreditavam na possibilidade de uma união espiritual entre os humanos e a natureza.

O historiador inglês, Kenneth Clark (1961, p. 19) afirma que: “a pintura na paisagem marca as fases de nossa concepção de natureza. Toda arte é, até certo ponto, simbólica e a prontidão com que aceitamos os símbolos como realidade depende de certo modo de nossa familiaridade com eles”.

Dentre os artistas deste período, John Constable é conhecido pela intensidade de observação do campo e experiência para alcançar a maior coincidência entre a pintura e a paisagem.

5.2 A obra de John Constable

John Constable (1776-1837) recebeu destaque com suas pinturas no Romantismo, principalmente por afastar-se das convenções pictóricas do paisagismo ao representar na tela as mudanças de luz ao ar livre e o movimento das nuvens no céu. Apesar de ser considerado um dos pintores do romantismo inglês, a pintura de Constable acaba por ser precursora do naturalismo e do impressionismo.

Sua pintura capta as variações da natureza, recusando a ideia de um espaço universal e imutável. O artista num sentido mais objetivo e empírico possuía uma obsessão pelos estados do tempo (estudava-os com precisão de um meteorologista), atento aos desafios que compreendem a variação de cores e formas – seja na luminosidade e na inscrição da atmosfera na pintura, imaginou e praticou, de modo quase inconsciente. Sendo assim, sua perspicácia no olhar contribui significativamente para que outros artistas, também, pudessem refletir a respeito da natureza e da paisagem.

Apontam que Constable tinha uma compulsão pelo tema da natureza a ser traduzida pela pintura. Marinhas, paisagens de cenas campestres, céus em mutações, luminosidade e a atmosfera em transformação criavam a sensação de irrealidade e sonho. Tornou-se referência para jovens pintores e poetas do Romantismo, bem como da paisagem de forma geral. Devoto às atividades da pintura ao ar livre e ao campo, estudou e dedicou-se profundamente aos paradoxos da natureza e da pintura. (OKAMOTO 2014 p.109).

Ele restringia-se a fatos observáveis, captando os efeitos efêmeros da natureza em resultados do trabalho executado preferencialmente ao ar livre. Na realidade, suas pinturas representavam a captação temática, pictórica, gestual e instantânea daquele momento único e emblemático da atmosfera em movimentos fugidios.

Na obra “A carroça de feno” é possível observar os detalhes de cores em cada nuvem representada no céu, deixando de lado padrões, para dar um grande destaque a esta parte de seu desenho.

Figura 1 A Carroça de Feno



Fonte: John Constable, National Gallery (1821) Londres. Disponível em:
<https://www.historiadasartes.com/prazer-em-conhecer/john-constable/13/05/2019>

Segundo sua biografia, John Constable possuía fascinação pelas nuvens, observando-as e retratando-as de maneira realística. Em “Estudo das Nuvens”, de 1821, fica evidente a preocupação do autor com os detalhes, com cada variação de cores que são utilizadas na composição do trabalho.

Figura 2 Estudo das nuvens



Fonte: John Constable, Royal Academy of Arts, Londres (1821). Disponível em:
<https://www.historiadasartes.com/prazer-em-conhecer/john-constable/13/05/2019>

A Obra “O Campo de Trigo” retrata uma paisagem recorrente na vida do autor, considerando que seu pai era dono de uma plantação de trigo. Os detalhes acentuados nas nuvens destacam o estilo do autor, com cores diversificadas formando o céu.

Figura 3 O Campo de Trigo



Fonte: John Constable, National Gallery, Londres. (1826). Disponível em:
<https://www.historiadasartes.com/prazer-em-conhecer/john-constable/13/05/2019>

A obra “A Baía de Weymouth” mostra uma das paisagens detalhadas pelo autor, mais uma vez utilizando gamas de cores para retratar nuvens e céu, que ocupam grande parte do quadro.

Figura 4 A Baía de Weymouth



Fonte: John Constable, National Gallery, Londres.(1816). Disponível em:
<https://www.historiadasartes.com/prazer-em-conhecer/john-constable/13/05/2019>

Por fim, “A Construção do Barco Perto do Moinho de Flatford”, mais uma vez evidencia a técnica do autor, em utilizar variações de cores para colorir o céu, além de dar mais destaque para as nuvens em suas paisagens.

Figura 5 A Construção do Barco Perto do Moinho de Flatford



Fonte: John Constable, Museu Vitoria e Alberto, Londres.(1814). Disponível em:
<https://www.historiadasartes.com/prazer-em-conhecer/john-constable/13/05/2019>

5.3 O autor como referência na educação visual

A proposta deste trabalho é defender e promover uma educação visual consciente e eficaz em sala de aula, tendo como premissa o elemento “cor”, escolhido por ser, como já referenciado em Ostrower (1998, p.235), o elemento que inicialmente chama a atenção do campo visual.

John Constable foi escolhido como referência porque, a partir de sua obra, é possível demonstrar de maneira concreta como que as gamas de cores podem ser usadas e misturadas para criar paisagens. Com suas pinturas sublimes, contribuiu para a transformação e o entendimento da pintura de paisagens do início do século XIX.

Dondis (2007, p.27) ressalta que “qualquer ocorrência ou obra visual constitui-se um exemplo incomparável dessa tese [de que a utilização do exemplo concretiza a arte], uma vez que ela foi inicialmente concebida para existir como uma totalidade bem equilibrada”.

De acordo com esses estudos, utilizar a obra visual para apresentar o conceito e assim formar a educação visual, é parte do processo de aprendizagem e mostra-se um método que alcança resultados entre os alunos.

Ao analisar o céu em cada pintura de John Constable, é possível contemplar o elemento “cor” sendo utilizado e trabalhado, conforme breves comentários realizados anteriormente em suas obras.

A referência visual de um artista como Constable é importante quanto à técnica e abre um leque de possibilidades, permitindo a aprendizagem do elemento cor no ambiente escolar na sala de aula, como espaço pedagógico, e ainda transmitindo aos alunos conhecimentos históricos, ao caracterizar a vida, obra e momento do artista, como incentivar cada aluno a criar seus próprios padrões de cores em seus desenhos.

Derdyk (1990, p.35) diz que “a liberdade gráfica é conquistada no desenrolar de um processo onde os gestos se desvencilham da atitude gráfica adquirida na escrita, em todos os processos de aculturação pelos quais a mão passou”. A proposta é que, com o conhecimento das técnicas de utilização das cores de John Constable, discutido neste capítulo e apresentado como referência visual, os alunos deem seu primeiro passo na educação visual para que criem livremente com o uso das cores.

6 O ENSINO DE ARTES VISUAIS

O ensino de artes visuais, voltado principalmente para uma eficaz educação visual dos alunos em sala de aula, deve ser pensado, analisado e concebido de maneira organizada e com uma proposta que realmente seja eficaz.

Fusari (1991) defende a importância do ensino artístico, principalmente voltado para a educação visual criativa e libertadora, que permita aos alunos expressar sua visão de mundo e fantasiar, tendo prazer nestes momentos e expressando-se através dos elementos artísticos, destacando-se a cor como o escolhido deste trabalho.

Fusari ressalta que “a arte pode auxiliar na fundamentação de uma proposta de ensino e aprendizagem artísticos, estéticos, e atende a essa mobilidade conceitual, a que aponta para a articulação do fazer, do representar e do exprimir”. (FUSARI; FERRAZ, 1991, p.18).

O Ensino de Arte contribui para a formação sensível do indivíduo e é no fazer artístico que acontece a aprendizagem. Quando este fazer artístico é direcionado para a criatividade, deixando de lado os estereótipos e cópias, o aluno tem em sala de aula uma educação libertadora, já defendida pelo grande Paulo Freire em seus escritos pedagógicos.

O ensino das artes visuais em sala de aula deve trazer prazer, libertação e estimular a criatividade do aluno, para que ele possa realmente transparecer seus sentimentos e transformar sua visão de mundo em desenhos e pinturas, que expressem, através desses signos formados de suas personalidades, a visão própria de mundo de cada um. As artes visuais permitem aos alunos expressarem seus sentimentos.

Para que tenhamos a possibilidade de leitura dos alunos através das artes visuais e para que eles se expressem de forma coerente e coesa, é necessário que se libertem das cópias já tão citadas aqui, onde nada expressam a não ser a reprodução de algo pronto. Não criam, não ousam e, com isso, limitam sua expressão e criatividade.

6.1 A Abordagem Triangular

Ao pensar em educação, Paulo Freire é uma das maiores referências. E uma das mais interessantes citações em seu trabalho é: “ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção” (FREIRE, 1996. p.27)

Pensando na maior eficiência da educação artística em sala de aula, nos últimos anos diversos estudiosos analisaram as melhores formas de se criar uma educação visual nas escolas. Dentre elas, a abordagem triangular procurou dinamizar a proposta para, justamente,

eliminar a sintetização das aulas que são resumidas em cópias e reproduções que bloqueiam o criativo do aluno.

A abordagem triangular foi criada por Ana Mae Barbosa em 1996. Desde então promove uma melhoria significativa no ensino das artes, como eixo norteador desse ensino-aprendizagem, de modo que a produção, a leitura e a contextualização da obra, além de desenvolverem os conhecimentos pertinentes a ela, sirvam cada vez mais de referência para uma leitura crítica do mundo e possibilite a libertação do aluno, que pode se expressar através da arte.

Essa abordagem recebe este nome por possuir três pressupostos que devem ser executados nas aulas de educação artística. Ialveberg (2003) destaca os três eixos de aprendizagem nesta abordagem:

- Contextualização histórica;
- Fazer artístico;
- Apreciação artística.

Como eixo de aprendizagem, ele suscita questionamentos que nos remetem a buscas por caminhos metodológicos a serem trilhados no cotidiano escolar. Se constrói a partir de um enfoque que privilegia o conhecimento interdisciplinar e intercultural, tomando como base os pressupostos de que a cultura é uma instituição da esfera social, que as sensibilidades artísticas são próprias de cada grupo, que o conhecimento é uma construção histórica e social, e que o ensino deve incluir temas atuais e relacionados com a experiência dos alunos.

Esta abordagem dialoga com a obra de Paulo Freire, onde o professor não é o detentor do saber, mas, o mediador que possibilitará a criação de um ambiente propício para a aprendizagem e incentivador da construção do conhecimento.

Fusari (1991, p.18) destaca que o professor de artes é um dos responsáveis pelo sucesso desse processo transformador ao ajudar os alunos a melhorarem suas sensibilidades e saberes práticos e teóricos em arte. Segundo o autor, além do alcance profissional, deve compreender que a arte é vinculada à vida pessoal e regional de cada grupo atendido. Ele deve ser o mediador que permita que o aluno elabore “uma cultura estética e artística que expresse com clareza a sua vida na sociedade”.

Ialveberg (2003) continua destacando que a arte deve ser trabalhada considerando os três eixos da aprendizagem, como produção do aluno, apreciação dos alunos pelos trabalhos deles, dos colegas e dos artistas e a compreensão da arte integrada como perspectiva histórica e cultural na sociedade.

Trabalhar com esses eixos é permitir que os alunos expressem seus sentimentos, transmitindo sua visão de mundo para os desenhos e usando cores que transformem os produtos em signos, permitindo a leitura de cada um em suas obras.

Destacam as autoras que:

Um programa de educação em Arte deve levar em consideração o contato que temos com o universo da visualidade do mundo contemporâneo e a complexidade do discurso visual e áudio visual, ou seja, devemos pensar em um programa que possibilite diversificações, ampliações de nosso repertório sensíveis –cognitivos e estudos que aprofundem os modos de ver, observar, expressar e comunicar imagens (desenhadas, pintada, gravadas, impressas, modeladas, fotografadas, filmadas, televisionadas).(FUSARI;FERRAZ,1991. p.49):

O professor de artes visuais, que consegue trabalhar dentro desse eixo, certamente que terá resultados melhores em sala de aula, integrando os alunos à matéria e promovendo a mediação do conhecimento, como fruto do trabalho desenvolvido em conjunto.

6.2 A Abordagem triangular dentro da proposta da educação visual

O presente trabalho, que demonstra a problemática dos estereótipos e cópias sem a criação por parte do aluno, e propõe que, a partir do elemento “cor”, se crie uma abordagem para se criar uma educação visual eficiente, deve ser aplicado dentro dos três eixos desta abordagem, de maneira a apresentar-se eficiente e alcançar os resultados pretendidos.

Esta abordagem será desenvolvida na proposta pedagógica, segunda parte deste trabalho, mas, será teorizada para que, contextualizada, crie sentido e direção na prática da educação visual.

Dentro da abordagem, que utiliza John Constable como referência visual e técnica, os três eixos estão desenvolvidos da seguinte forma:

- A contextualização histórica acontece ao apresentar, na proposta pedagógica e na descrição deste trabalho, o contexto onde foi criada a obra do artista e a descrição do período pertencente, no caso, o Romantismo.
- A apreciação artística acontece ao se analisar a obra de John Constable, percebendo mais do que apenas um desenho, mas, as nuances de cores e como elas são expressadas nos seus quadros, principalmente trabalhando com a gama de possibilidades das nuvens. Essa apreciação norteia para o elemento cor e possibilita que o elemento seja descrito e destacado nas obras.

- O fazer artístico, que é o resultado do trabalho, quando os alunos, influenciado pelo contexto, aprendendo sobre o elemento “cor”, se liberta dos estereótipos e passa a criar, usando as possibilidades de cores em seus desenhos.

Esse processo dialoga com a educação libertadora já citada de Paulo Freire, permitindo ao aluno alcançar resultados e realizar o fazer artístico, onde, livre das cópias, consegue expressar o que há em sua mente.

6.3 A Educação visual no espaço escolar

O ensino-aprendizagem da arte não acontece desvinculado de todo o processo sistemático da educação em geral. É preciso que se organize dentro desse espaço para que tenha resultados efetivos. Acontece em um espaço físico e temporal por alguns chamados de sala de aula, mas acontece, também, em todos os espaços da escola e fora dela, considerando o acervo interno de cada aluno.

Neste espaço, a criação artística acontece como parte das linguagens. É a maneira de transformar ideias em formas visuais, aquele que cria está em diálogo com sua cultura e estabelece uma rede de ligações simbólicas dentro das quais encontrará material para a criação. A produção artística é o meio de construir significados gerando formas a partir das linguagens.

Para Vygostsky (1989, p. 35), os fatores emocionais e os intelectuais são essenciais na criação humana. Por isso, a produção ocorre dentro da escola e sala de aula, é permitir que ela aconteça dentro do ambiente onde a criança pode se sentir emocionalmente mais segura e possa expressar seus sentimentos sem medo.

O espaço escolar é o lugar no qual observamos o processo de ensino aprendizagem, podemos observar o desenvolvimento da criança, sua interação com o meio e com os colegas. Estabelece-se o diálogo cultural frente ao processo de desenvolvimento. É no espaço escolar, que podemos encontrar caminhos para a alfabetização visual onde pode oferecer possibilidades de uma leitura da imagem.

É onde Ricken (2011.p.57) defende que a educação visual precisa entrar, quebrando paradigmas, transformando cópias em criações e permitindo que o aluno se liberte e se expresse livremente.

7 LEITURA DA IMAGEM

A capacidade de “ler” uma imagem não é uma qualidade inata do ser humano e sim uma prática humana que requer um campo de conhecimentos, tanto históricos e antropológicos quanto estéticos necessários à aprendizagem de estratégias de interpretações das imagens. Ler uma imagem constitui-se num processo de criação dos sentidos e de construções de interpretações tanto do artista quanto do leitor.

O ver/ler expressa uma atividade do corpo atento ao eixo da cultura, como perspectiva artificial de uma proposição subjetiva, que constrói a imagem. Nessa linha de pensamento, pressupõe-se que a dimensão do olhar contribui, diretamente, à composição efetiva da imagem.

O homem se constrói no interior da prática social na qual ele educa seus sentidos e forma sua sensibilidade. Portanto, essas funções chamadas de *naturais*, são inteiramente modeladas pelo contexto histórico e social. Além disso, a evolução dos gestos que definem esses “costumes” é indissociável da evolução da sensibilidade e, nesse sentido, estão profundamente incorporadas. Esses “sentimentos levam à formação de regras de conduta que constroem um consenso sobre os gestos que convém ou não fazer – gestos que em contrapartida contribuem a modelar a sensibilidade”(HENICH, 2001, p.12).

Isso tudo implica em perceber, conhecer, experimentar, reproduzir e ter memória da linguagem.

Dessa forma, é possível compreender que, para se realizar a leitura, é preciso conhecer os signos que o cercam. Assim, interpretando as palavras de Ricken (2013, p. 49), é preciso conhecer a linguagem artística para poder realizar uma leitura da imagem.

Ao propor um trabalho baseado no elemento “cor”, deve ser proposto ao professor, como culminância deste trabalho, observar o signo criado pelos alunos e interpretar aqueles elementos constituintes, procurando, assim, promover ainda mais a educação visual dos alunos e imergir no universo de cada um.

O produto pedagógico, que será apresentado a seguir, propõe uma série de atividades que, ao serem realizadas, servirão como fio condutor dos estudos sobre as cores com as crianças, iniciando um processo de educação visual que permita uma maior liberdade criativa, incentivando a criação e a liberdade longe dos modelos pré-estabelecidos.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho analisou uma proposta de educação visual em sala de aula, tendo como base uma proposta pedagógica que considerou o vocábulo cor, um dos elementos da sintaxe da linguagem visual, deflagrador da percepção, que, ao ser utilizado em desenhos, pode ser usado como elemento que libera a imaginação e a criatividade. Este elemento foi escolhido para nortear toda a análise da arte e da educação artística em sala de aula.

Todo o estudo da monografia culminou na preparação de um produto pedagógico aplicável ao sexto ano, atendendo crianças de 11 aos 13 anos.

O ponto de partida foi o estudo sobre os estereótipos utilizados em desenhos por crianças, que realizam cópias de modelos prontos ao invés de criar e reinventar. Foi descrito a importância de se realizar uma educação visual efetiva, que possa libertar as crianças desses estereótipos e passem a criar.

Através dessa proposta, que considera a cor como elemento de partida para esta educação visual eficiente, poder levar para a escola situações de ensino-aprendizagem significativas, além da constituição de novas subjetividades à construção da sociabilidade torna-se uma tarefa mais simplificada.

O estudo levou em consideração a cor na pintura de paisagens, tomando as representações das pinturas do artista britânico John Constable, com intuito de se tornar uma referência visual, ao analisar seus quadros, e mostrar sua preocupação em retratar a natureza, analisando as cores utilizadas principalmente para a pintura do céu e das nuvens. Por fim, através de suas obras, oferecer caminhos que se deflagrem o olhar perceptível do mundo que o cerca.

A obra do artista ainda norteia a criação do produto pedagógico, sendo usado como base para as atividades relacionadas à análise de obras artísticas e no que diz respeito a contextualização histórica.

O presente trabalho ainda propõe uma reflexão sobre a educação visual e sua importância, baseados em teorias de pensadores e pesquisadores da área, analisando as formas como a educação artística se torna libertadora.

Ainda nesta parte, foi analisada a abordagem triangular, proposta pedagógica que pretende direcionar o ensino das artes em sala de aula e que é base para a produção do produto pedagógico que logo será apresentado.

Por fim, foi analisada a importância de ler imagens, numa abordagem educacional e que possa trazer resultados realmente significativos e libertadores para os alunos.

A próxima parte trata do produto pedagógico, uma sequência didática que inclui um quebra-cabeça com imagens das obras do artista, trazendo para dentro da sala de aula a natureza, as sensações que as cores causam e a atmosfera retratada, oportunizando ao aluno múltiplas percepções, além do desenvolvimento do raciocínio e criatividade.

REFERÊNCIAS

- ARNHEIM, Rodolf. **Intuição e intelecto na arte**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.
- BARBOSA, Ana Mae. **Arte-educação no Brasil**. São Paulo: Perspectiva, 2002.
- CLARK, Kenneth. **Paisagem na arte**. Trad. Rijo de Almeida. Lisboa: Ulisseia, 1961.
- DERDYK, Edith. **O desenho da figura humana**. São Paulo: Scipione, 1990.
- DONIS, A. Donis. **Sintaxe da Linguagem Visual**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- FERRAZ, Maria Heloisa C. de T; FUSARI, Maria F de Rezende. **Arte na Educação Escolar**, São Paulo: Cortez; 1991.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: Saberes Necessários à Prática Educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- GUIMARÃES, Luciano. **A Cor como Informação**. São Paulo: Annablume, 2000.
- HEINICH, Nathalie. **A Sociologia de Nobert Elias**. São Paulo: Edusc, 2001.
- IABELBERG, R. **Para gostar de aprender arte**. Sala de formação de professores. Porto Alegre: Artmed, 2003.
- KANDINSKY, Wassily. **Do espiritual na Arte**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- MARTINS, Mirian Celeste, **Mediação: provocações estéticas**. São Paulo: Unesp, 2005.
- MARTINS, Maria Helena. **O que é leitura?** São Paulo: Brasiliense 1982.
- MARTINS, M; C; PICOSQUE, G; GUERRA, M; T. **Didática do ensino da arte: A língua do mundo: Poetizar, fruir e conhecer arte**. São Paulo: FDT. 1998.

NUNES, Bruno. A visão romântica. In. GUINSBURG, Jacó (org.). **O Romantismo**. 4ª ed.- São Paulo: Perspectiva, 2011.

OKAMOTO, Ayao. **A imagem e a paisagem em John Constable: uma leitura**. 2014. Triade: comunicação, cultura e mídia. Sorocaba, SP, v.2, n. 3, p. 103-115, jun. 2014. Disponível em: <http://periodicos.uniso.br/ojs/index.php/triade/article/download/1904/1710/>. Acesso: 18/06/2020

OSTROWER, Fayga. **Universo da arte**. São Paulo: Campus. 1984.

OSTROWER, Fayga, **Sensibilidade do Intelecto**. São Paulo. Campus. 1998.

PINTURA de Paisagem. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras. São Paulo: Itaú Cultural, 2020. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/termo363/pintura-de-paisagem>>. Acesso em: 18 de Jun. 2020. Verbete da Enciclopédia. ISBN: 978-85-7979-060-7

PASTOUREAU, Michel. **Dicionário das Cores do Nosso Tempo**. Lisboa: Estampa, 1993.

PEREIRA, Katia Helena. **Como usar as artes visuais na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2007.

READ, Herbert. **Educação pela arte**. São Paulo: Martins Fontes, 1982.

RICKEN, Dulce, SOUZA, Maria Irene Pellegrino de Oliveira. **O estereótipo gráfico e a sua influência no desenho da criança**. 2013. Disponível em: http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2013/2013_uel_arte_artigo_dulce_ricken.pdf. Acesso: 13/05/2019.

SARDELICH, Maria Emilia. Leitura de imagens, cultura visual e prática educativa. **Caderno de Pesquisa**, Santana-BA, v. 36, n. 128, p.451-472, 2006.

VYGOTSKY, L. S. **Pensamento e linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

APÊNDICE A – PRODUTO EDUCACIONAL



Andréia Vieira de Souza Abrantes

AS CORES
NA
PAISAGEM

Rio de Janeiro

2019

RESUMO

O estudo intitulado “**As cores na paisagem**” pretende ser um recurso didático nas aulas de artes, para enriquecer o conhecimento sobre as cores e a pintura de gênero paisagem. O artista John Constable foi escolhido para a elaboração do produto pedagógico, devido ao seu modo de ler as paisagens e da forma como representa a cor em suas obras, traduzindo mensagens visuais. O produto pedagógico será uma sequência didática, incluindo um quebra-cabeça com imagens referentes às obras do artista. Pretende ser aplicado ao sexto ano, para crianças na faixa etária de 11 aos 13 anos do Ensino Fundamental. É um produto que propõem uma sequência de atividades que giram em torno do conhecimento das cores, da linguagem e da apreciação de obras e conhecimento do artista John Constable, pintor de paisagem pertencente ao movimento artístico Romantismo. Com esses elementos, pretende iniciar a educação visual para os alunos. O vocábulo cor é um elemento da sintaxe visual repleto de significações que irá promover o conhecimento da linguagem pintura e proporcionar uma percepção de mundo, que nos cerca. Poderá trazer significativas contribuições para uma leitura do seu mundo de forma mais consciente. A sequência didática se desdobra em três aulas, a última atividade culminará em uma exposição de telas referentes ao gênero de pintura paisagem.

Palavras-chaves: Leitura de imagem. Cor. Educação visual.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 Desenhos de uma turma do sexto ano	42
Figura 2 Círculo Cromático	49
Figura 3 John Constable - Carroça de feno	50
Figura 4 Ficha e quebra-cabeça	51

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	41
2 A TEMÁTICA DO PRODUTO PEDAGÓGICO.....	45
3 APRESENTAÇÃO DO PRODUTO	46
3.1 Sequência didática	48
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS SOBRE A UTILIZAÇÃO DO PRODUTO EM SALA DE AULA.....	52
REFERÊNCIAS.....	53



1 INTRODUÇÃO

Vivemos em um universo pleno de cores, que criam harmonia, provocam sensações, simbolizam sentimentos. Segundo Ostrower (1984, p.236). “A cor se caracteriza pela carga de sensualidade que lhe é inerente. Por maior que seja nossa experiência prática, uma coisa é imaginar cores e outra é percebê-las”.

O produto pedagógico “As cores na paisagem” é parte integrante da Monografia de Especialização apresentada ao Programa de Especialização Ensino de Artes Visuais - EAD, vinculado à Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura do Colégio Pedro II.

Este produto consiste em propostas pedagógicas para a Educação Básica. Foi idealizado para atender crianças na faixa etária de 11 aos 13 anos, aplicáveis a partir do sexto ano e propõe estratégias a partir de experimentações e vivências acerca da cor como elemento próprio da linguagem visual, sendo este elemento, “cor”, ponto chave para a iniciação de uma educação visual em sala de aula.

O tema da pesquisa surgiu a partir das observações dos trabalhos das crianças do Ensino Fundamental, observando desenhos e pinturas de paisagens retratadas de formas estereotipadas. A inquietação surge ao perceber pinturas de paisagens sem exploração cromática, sem ousadia na mistura de cores, sem preenchimento do espaço da folha, mesmo que o professor discorra repetidamente que todo espaço deve ser pintado.

Ao terminar algumas atividades, observa-se que a solução encontrada por alunos, geralmente, é deixar o céu em branco, sem ousar criar cores para esta paisagem. O objetivo é que o professor mostre a possibilidade de misturar as cores, que eles podem criar efeitos de degrados, de criarem volumes e que possam se surpreender, descobrindo, a partir deste elemento, possibilidades artísticas que despertem a criatividade.

Figura 1 Desenhos de uma turma do sexto ano



Fonte:A autora, 2019

Ao perceber a dificuldade de enxergar as cores ao seu redor, a proposta do projeto surge, para que a educação visual aconteça e, mais do que isso, que o aluno possa aprender a observar e ousar nas cores, elemento escolhido para este trabalho.

Fazemos parte da natureza, dialogamos e nos relacionamos com ela, e se pararmos por um instante para contemplar e perceber as cores que nos cercam, perceberemos que elas nos causam sensações, mexem com o nosso emocional e transmitem mensagens. As cores na natureza exercem essa influência em nós de maneira surpreendente.

Descubro em John Constable uma perseguição na representação do céu em seus quadros, misturando cores e ousando, de forma que este visual, céu e nuvens, ocupem sempre parte de destaque em seus quadros. Proponho o artista e suas obras para a elaboração do produto educacional, visto que, a partir da observação de seus quadros, é possível enxergar possibilidades de cores.

Senti o desejo de aprofundar o conhecimento sobre o elemento visual “cor”, assim como enriquecer o vocabulário colorístico dos alunos e a apreciação de obras de arte no que se refere o gênero paisagem. O objetivo é que seja esta a base para a iniciação da educação visual proposta desde então.

A elaboração de um produto educacional estrutura-se pela precedência em observar que a arte é um campo do conhecimento humano sensível e cognitivo que envolve práticas da criação, da apreciação e de reflexão. A experiência artística possibilita um olhar para si, para o outro e para o mundo.

Pensando na abordagem triangular de Ana Mae Barbosa, além da contextualização histórica e análise de obras, a criação artística é ponto chave no processo do ensino visual.

Notar a relevância do ensino de Artes na escola, no Ensino Fundamental é dar subsídio para educar através das linguagens visuais, possibilitando uma alfabetização visual.

A metodologia a ser aplicada será da escola construtivista, onde o aluno é protagonista do seu processo de aprendizado, onde permite o aluno criar, experimentar o conhecimento e o aprendizado, que é construído progressivamente com os alunos que participam ativamente do processo. Dentro desta proposta, o produto pedagógico criado trará para o aluno a possibilidade de criação e experimentação das cores, expressando suas ideias, construindo, assim, seu conhecimento dentro dos elementos desta proposta.

O produto pedagógico se propõe em estabelecer uma tensão especificamente no elemento visual à cor, a linguagem, mostra total relevância a ser ensinado. Partindo de suas particularidades, poderá contribuir no campo da percepção inferindo no cotidiano das crianças.

Percebemos que a criação artística parte das linguagens, sendo esta a maneira de transformar ideias em formas visuais, pois, aquele que cria, está em diálogo com sua cultura e pode estabelecer uma rede de ligações simbólicas, dentro as quais encontrará material para a sua criação. Criar é basicamente formar, é poder dar forma a algo novo. O produto pretende ser uma sequência didática em torno da linguagem artística.

As linguagens artísticas são alguns dos principais modos que o ser humano criou para significar o mundo e a si mesmo, portanto práticas em artes podem ser instrumentos poderosos de desenvolvimento na educação.

Portanto, justifica-se a elaboração de um produto pedagógico que possa contribuir para o aprendizado do elemento visual: a cor, conhecendo sua estrutura e poder expressivo, que os alunos possam fazer uso da linguagem pintura e conhecer o artista pertencente ao movimento Romantismo.

O produto pedagógico pretende demonstrar a relevante contribuição da cor na percepção humana, questionando que um olhar educado pode ser transformador.

O trabalho espera contribuir com práticas educativas direcionadas para a questão da educação visual e do alfabetismo visual. Que possa encontrar na cor, elemento próprio da gramática visual, um aliado nesta tarefa. Visto que o vocábulo se constitui por múltiplas particularidades, físicas, psicológicas, expressivas e perceptivas e é o primeiro elemento que se destaca na visão.

A pesquisa tem como objetivo geral, propor atividade de conhecimento do elemento visual, cor, conhecer o artista paisagista John Constable, contextualizar historicamente o autor no Romantismo, montar um quebra-cabeça referente à obra do artista, observar as variações de cores usadas em sua obra e fazer uso da linguagem, representando o gênero de pintura paisagem onde poderão criar seus próprios quebra cabeças.

Espera-se que as crianças desenvolvam o conhecimento sobre o uso das cores e suas potencialidades no campo compositivo e perceptível que qualifica e identifica. Que sejam transformadas pelas experiências e vivências. Que ousem e que se libertem de estereótipos, usando sua criatividade e expressando nas pinturas seus sentimentos.

Com o produto pedagógico, espera-se que a sequência didática seja norteadora para o processo de educação visual, focado no elemento “cor” que foi escolhido. A partir de então, espera-se que, ao mencionar as possibilidades de cores, os alunos despertem para a curiosidade de encontrar formas de usá-las. Propõe-se que, a partir desta análise da obra, que o aluno veja de forma concreta a utilização das cores em quadros e, contextualizado, ele tenha interesse em criar e ousar.

O produto educacional se trata de uma sequência didática de aulas com atividades diferenciadas, que inclui um quebra-cabeça apresentando obras do artista paisagista e fichas contendo informações do artista, do movimento artístico ao qual ele pertence e sobre o gênero de pintura paisagem.

Pretende propor uma atividade sobre o uso das cores, conhecendo o elemento e utilizando a linguagem pintura na realização de uma paisagem.

Dentro dos materiais de “As cores na paisagem”, estará incluída uma caixa contendo quatro quebra-cabeças de obras diferentes do artista escolhido, John Constable, e fichas explicativas sobre o gênero de pintura paisagem e sobre o artista. Este material propõe-se a ser fundamental para a execução de todo o projeto.

O trabalho espera contribuir com práticas educativas direcionadas para a questão da educação visual. Que o produto possa oferecer momentos em que se deflagrem o olhar e assim possibilite a educação desse olhar. Pretende que os alunos desenvolvam o conhecimento sobre o uso das cores e as propriedades intrínsecas do elemento visual, que possam ter o sentimento de confiança em suas capacidades afetivas, cognitivas, éticas, estética, de inter-relação pessoal e de inserção social. No final, pretende permitir os alunos a criarem dentro do que aprenderam e, assim, libertarem-se dos estereótipos, experimentando, ousando e criando suas próprias paisagens a partir de suas observações.



2 A TEMÁTICA DO PRODUTO PEDAGÓGICO

O produto pedagógico em questão foi desenvolvido com base em observações em sala de aula e de estudos de teóricos sobre os estereótipos criados por crianças na hora de realizar atividades artísticas.

O tema principal é a “cor”. A cor aqui é descrita, trabalhada, observada e norteia toda a execução do projeto.

A partir deste elemento, o aluno começa a ter uma educação visual que permita que ele não se limite, mas, que misture e trabalhe com gamas de cores diferentes, possibilitando resultados melhores e desenvolvendo a criatividade de cada um.

Dentro do tema “cor”, o aluno ainda vai aprender sobre o Romantismo e a obra de John Constable, observando como que o artista utiliza as cores e se inspirando nas suas paisagens para criar sua própria obra.

O tema “cor” foi escolhido por ser um dos elementos fundamentais da educação visual, aquele que primeiramente chama a atenção da visão de cada pessoa e, na maioria das vezes, é pouco utilizado pelos alunos por não conhecerem como podem misturar e ousar com as cores.

A “cor” está presente em todas as aulas do projeto, sendo apresentada para os alunos, possibilitando experimentar através do círculo cromático e da pintura e observada nas obras do artista.



3 APRESENTAÇÃO DO PRODUTO

O produto pedagógico “As cores na Paisagem” será formado dos seguintes elementos:

- Uma caixa contendo quatro quebra-cabeças, feito em papelão com 48 peças cada, com peças padronizadas, e, montados, com a dimensão aproximada de 43 cm X 30 cm. Estes quebra-cabeças consistem em obras do artista John Constable, pintor de paisagem pertencente ao movimento Romantismo. As obras escolhidas foram “Carroça de feno”, “O campo de trigo”, “Estudo das nuvens” e “A baía de Weymouth”. Com isso, os alunos terão a possibilidade de debater, após a montagem, sobre as cores das pinturas, as sensações e impressões que cada pintura lhes provoca. A escola poderá adquirir a caixa, no qual conterà as quatro imagens em pacotes separados, a serem distribuídas para os alunos que poderão ser organizados em grupo para a execução das montagens.
- Uma ficha descritiva sobre o gênero de pintura paisagem.
- Uma ficha descritiva sobre o artista, John Constable, pintor inglês considerado um dos pioneiros na utilização do tema paisagem na arte. Sua pintura tornou-se símbolo da natureza idealizada, vista como um lugar perfeito. Interessava-se por retratar o que seus olhos viam em uma cena harmoniosa numa paisagem natural.
- Três planos de aulas para o professor que irá executar o projeto em sala de aula.
- Fotocópia do padrão do quebra-cabeça para que o aluno crie sua paisagem e monte seu.

O produto visa ser adquirido pelas escolas públicas e privadas, com o intuito de trazer a natureza para dentro da sala de aula, oferecendo ao aluno uma observação da natureza, onde a cor suscita delimitação da forma e causa sensações pela imagem apresentada.

Foi elaborado para ser aplicado para o sexto ano, direcionado a crianças de 11 aos 13 anos.

O produto é reaproveitável poderá servir como forma de estudo e conhecimento em torno da cor, do tema paisagem e sobre o artista e ainda poderá ser utilizado por outras disciplinas como a Geografia, ao se tratar de locais e diferentes paisagens, e a Ciência, ao se observar os elementos compostos nas paisagens, como solos, nuvens, etc.; e História, com a representação das cenas do passado nas obras, comparadas com a realidade dos locais atualmente.

As cores na paisagem é uma proposta pedagógica, um produto educacional, que possui a intenção de trabalhar o vocábulo cor, apresentando sua estrutura e suas propriedades, sua

aplicabilidade através da linguagem pintura, pretende promover, a partir de então, uma educação visual consciente e eficiente.

O produto pedagógico apresenta um manual de apresentação das sequências a serem trabalhadas pelo professor, que fará a distribuição do quebra-cabeça formando grupos para realização da montagem e apreciação das obras do artista John Constable.

Portanto, se estabelece uma primeira aula, iniciando com o quebra-cabeça e promovendo um debate sobre as imagens montadas. Os alunos montarão os 4 quebra-cabeças, descrevendo imagens, cores, comentando sobre as sensações que cada paisagem transmite para eles. Formará a turma em grupos e fará a distribuição dos quebra-cabeças, juntamente com as fichas relativas ao tema paisagem e ao artista John Constable. Cada grupo deverá ser formado de acordo com a quantidade de alunos. A sugestão é para uma turma de até 36 alunos, cada grupo, com no máximo 9 crianças. Junto ao quebra-cabeça, os alunos receberão uma ficha, sendo uma imagem de referência da paisagem a ser montada. Cada grupo deverá designar uma pessoa para liderar a montagem. Caso queira dinamizar o trabalho, o professor pode misturar as peças dos quebra-cabeças de forma que cada grupo deverá encontrar as peças que serão usadas em outras mesas.

Em uma segunda aula, de dois tempos com 50 minutos cada, o professor deverá aproveitar a dinâmica da aula anterior com o quebra-cabeça e as cores das imagens do artista, para promover um debate sobre o elemento visual “cor”, sua estrutura, o conhecimento do círculo cromático e a execução do círculo. Além disso, o professor irá explicar a importância de John Constable e pincelar sobre o Romantismo. Nesta aula, para ser mais provocativo, o professor poderá usar as imagens de referência dos quebra-cabeças para discutir a importância da utilização das cores em Constable e, ainda, criar uma reflexão sobre os sentimentos transmitidos pelo autor.

A última aula como sugestão didática, poderá culminar em uma atividade de pintura de paisagem. Reunindo os conhecimentos, a respeito da cor, da linguagem e do tema.

O professor mediador irá propor que os alunos ousem nas possibilidades de mistura das cores, possíveis degrados, que se inspirem nas paisagens observadas na aula anterior. Poderá ser feita a observação do dia neste momento, observando o céu, o entorno, que tudo possa servir de inspiração para a pintura. Uma sugestão de atividades será incluída no pacote, que são moldes das paisagens de Constable para serem pintados (tamanho A4, com 48 peças), que podem ser transformados em quebra-cabeças para cada um, o aluno poderá criar também sua própria paisagem. Estas folhas poderão ser fotocopiadas para os alunos, para que eles coleem em papelões, pintem, recortem e tenham seus próprios quebra-cabeças.

Vale lembrar que serão necessários materiais complementares, que o aluno deverá levar: pincel, tinta guache, pano e pote.

Como resultado do trabalho, pode se criar uma exposição das paisagens dos alunos, assim como os alunos podem realizar uma proposta de debate sobre as cores que cada um utilizou.

3.1 Sequência didática

O produto apresenta uma sequência didática composta por três fichas, com a ordem sugerida de execução da tarefa, impressa em 4 fichas tamanho A4, com sugestões de atividades que podem utilizar o conteúdo, adaptável à realidade da turma e dos professores, para a sua utilização nas aulas de arte. São exemplos para ajudar na tarefa em sala de aula.

A sugestão é que seja aplicada em três encontros, cada um com duas aulas de 50 minutos. A culminância será em conjunto com as atividades, apresentando o resultado do estudo sobre cores.

Seguem três exemplos de propostas.

Exemplo 01 – Cor: elemento visual

Aplicação: Ensino Fundamental

Conteúdo:

Cor, elemento da gramática visual, propriedades e estrutura

Objetivos:

Conceituar o elemento visual;

Conhecer as cores primárias, secundárias, análogas, complementares, cores quentes e cores frias;

Conhecer o círculo cromático;

Conhecer as propriedades, estruturas, sensações e poder expressivo das cores;

Identificar no vocábulo da linguagem visual possibilidade de interpretação do mundo;

Perceber a presença sensorial das cores;

Interface

Artes e Ciência.

Tempo:

Uma aula com dois tempos de 50 minutos

Sequência didática

1ª parte - Fazer a explanação oral apresentando o conceito de cor e toda a estrutura das cores.
2ª parte - Após o conhecimento das cores, discorrendo sobre as cores primárias, secundárias, terciárias complementares, análogas e complementares, cores quentes e cores frias. Realizar o círculo cromático, em trabalho de pintura com tinta guache.

Figura 2 Círculo Cromático



Fonte: A autora, 2019

Exemplo 02 – A paisagem de John Constable**Conteúdo:**

Gênero de pintura paisagem, artista John Constable

Objetivo:

- Conhecer a linguagem pintura;
- Conhecer o artista pintor do gênero paisagem;
- Conhecer o gênero de pintura paisagem;
- Apreciar as obras do artista;
- Favorecer o desenvolvimento de atuação da memória;
- Perceber a importância de uma educação visual;

Desenvolver a atenção e o pensamento lógico;
Estimular a aprendizagem;
Desenvolver a coordenação motora;

Tempo

Dois tempos de 50 minutos cada

Interface:

Ciência e Geografia

Sequência didática:

1ª aula - Antes de oferecer o quebra-cabeça, explicar sobre o gênero de pintura paisagem e sobre o artista John Constable, mesmo havendo fichas explicativas.

Formar a turma em quatro grupos, para que cada grupo de alunos possa montar uma obra do artista. O Professor fará distribuição do quebra-cabeça e das fichas. Sugestão de uma imagem para o quebra-cabeça.

Figura 3 John Constable - Carroça de feno



Fonte: John Constable, National Gallery (1821) Londres. Disponível em:
<https://www.historiadasartes.com/prazer-em-conhecer/john-constable/13/05/2019>

Figura 4 Ficha e quebra-cabeça



Fonte: A autora, 2019

Exemplo 03 – Pintura de paisagens

Conteúdos:

Gênero de pintura paisagem

Objetivo:

Conhecer artistas paisagistas;

Utilizar a linguagem pintura;

Desenvolver a atenção e o pensamento lógico;

Aplicar as cores de forma compositiva;

Tempo:

Dois tempos de 50 minutos

Sequência didática:

1ª aula - Será solicitado aos alunos alguns materiais, como: tinta, pincel, pano e pote.

Os alunos deverão pintar o gênero de pintura paisagem, utilizando cores variadas e misturas para criar efeitos.

O dia da aula, também poderá ser fonte de inspiração na observação das cores.

A proposta pedagógica é finaliza-por uma exposição das pinturas realizadas pelos alunos que também poderá se tornar material lúdico, transformado em um quebra-cabeça.



4 CONSIDERAÇÕES FINAIS SOBRE A UTILIZAÇÃO DO PRODUTO EM SALA DE AULA

Com a utilização deste produto pedagógico, espera-se que os alunos sejam incentivados a observar mais as cores que os cercam, permitindo que eles eduquem seus olhos para enxergar as diferenças e, assim, transmitam isso para seus desenhos, deixando de lado os estereótipos que os acompanham.

A expectativa é que, a partir deste elemento, “cor”, cada criança possa começar a ser alfabetizado visualmente, tendo outra observação sobre cada obra e quadro observado e, conseqüentemente, tendo uma visão de vida mais ampla.

Espero que, ao final, a criatividade das crianças seja estimulada e que, com a culminância das suas próprias paisagens, elas possam expressar seus sentimentos através da pintura, criando signos novos e possibilitando a leitura do mundo de cada um.

Com essa forma de expressão, a criança poderá se desenvolver mais em todas as áreas da sua vida e ter, nas artes, uma forma de expressão.

A leitura e referência visual em John Constable objetiva que, de forma concreta, as crianças observem a utilização do elemento cor e possam considerar os resultados obtidos pelo autor em cada quadro.

Por fim, espera-se que o produto pedagógico seja dinâmico e que possa trazer o ensino artístico de maneira alegre e divertida para as crianças, criando sentindo naquilo que é explanado e transformando a vida de cada um através da arte.

REFERÊNCIAS

DONIS, A. Donis. **Sintaxe da Linguagem Visual**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

FERRAZ, Maria Heloisa C. de T; FUSARI, Maria F de Rezende. **Arte na Educação Escolar**, São Paulo: Cortez; 1991.

PEREIRA, Katia Helena. **Como usar as artes visuais na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2007.

OSTROWER, Fayga, **Sensibilidade do Intelecto**. São Paulo. Campus. 1998.